



European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO • 15 DE MARÇO DE 1964



É curiosa a nossa designação de "amigos". Qualificamos o termo a toda a hora. Dizemos: "amigos de trabalho . . . de copo . . . de mesa . . . de visita . . . de viagem". Mas temos uma expressão favorita quando desejamos salientar amizade genuína. Em tal caso, dizemos: "amigo de verdade".

Alguém estranhou que Voltaire, ateu confesso, se descobrisse ao passar por ele uma procissão numa das artérias de Paris. O reparo foi feito, mais ou menos, nestes termos: "Voltaire, achei que o senhor e Deus fossem inimigos. Estranho vê-lo tirar o chapéu em deferência a um acto religioso". Voltaire replicou: "Eu e Deus cumprimentamo-nos, mas não nos falamos".

Que relação é esta que prevê um cumprimento social, mas não dá lugar a um clima de amizade? Não será impróprio ou exagerado afirmar-se que a desculpa de Voltaire ainda hoje se aplica a muita gente, incluindo tantos que se identificam como cristãos. Não conhecêssemos Voltaire, seríamos tentados a classificar como devoto o seu gesto de tirar o chapéu. Entretanto, ele estava a ser apenas "educado": o espírito de tolerância polida criou uma aceitação de toda a espécie de credos. Se, por um lado, nos libertou do barbarismo da perseguição religiosa e dos excessos fanáticos de uma Inquisição sanguinária, por outro lado deixou-nos lesados. Privou-nos dum relacionamento íntimo com Deus, traduzível em compromisso público com reflexos no comportamento social de toda a hora.

A História Sagrada dá ênfase ao pormenor de Deus buscando uma relação de intimidade com o homem: nos dias do Éden, Ele visitava os nossos primeiros pais e com eles passeava "na viração do dia"; nas páginas do Antigo Testamento, Deus separa e busca atrair para Si um povo especial com quem deseja um pacto de eterna amizade; no Novo Testamento, Jesus chama discípulos e, literalmente, vive com eles cada hora da Sua agitada passagem pelo mundo. Mesmo a previsão do Apocalipse apresenta a chegada gloriosa do povo do Senhor às moradas eternas. Ali não haverá mais separação: "estaremos para sempre com o Senhor".

Frequentemente, enfrentamos perguntas—nossas ou de outrem—relacionadas ao tempo e à atenção que nos devem merecer os temas espirituais. Qual será o envolvimento "normal, razoável e necessário"? As opiniões acham-se severamente divididas nesta área.

Há os que defendem o princípio de uma ou duas vezes ao ano de frequência à igreja ou de exercícios religiosos. Para outros não basta: acham que o envolvimento deve ser semanal ou mesmo diário. Em ordens religiosas então a coisa assume feição horária ou até de "devoção perpétua".

Estamos convencidos de que Jesus Cristo jamais quis regular a Sua relação conosco em termos de calendário ou de relógio. Esta medida é estranha ao relacionamento autêntico com Deus. Antes, o que

Jesus procura é uma intimidade baseada na afeição mútua. O apóstolo João pôs a coisa nestes termos: "Nós o amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro" (I João 4:19). O termo *primeiro* assume aqui características relacionadas tanto à sequência cronológica como à qualidade do amor.

No último livro da Bíblia achamos, uma vez mais, este quadro do que Cristo pretende da nossa relação com Ele: "Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (3:20).

Bater, deliberadamente; *entrar*, definitivamente; *cear*, gostosamente. É este o tipo de relação. Em Cristo temos o mais chegado de todos os amigos. A intimidade com Ele não só embeleza, mas redime a vida daquele que ouvir a Sua voz e abrir a "porta"

□ do coração.

—Jorge de Barros



A mensagem da Igreja Primitiva baseava-se em dois factos principais: o pecado e a libertação das suas garras.

CRISTO, O TEMA DE PEDRO

—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

UMA
RELAÇÃO
SÓLIDA

O apóstolo Pedro foi um dos pregadores de maior destaque na Igreja Primitiva. No Pentecostes, foi ele quem pregou uma mensagem desafiante que resultou na conversão de 3.000 almas. Mas este não é o único sermão de Pedro registrado; há, na primeira parte dos Actos dos Apóstolos, oito sermões que ele pregou: Além disso, temos as duas epístolas que escreveu; e muitos opinam que o Evangelho de Marcos reflecte os pensamentos e as experiências do apóstolo Pedro, como este recorda a vida de Jesus.

A mensagem da Igreja Primitiva baseava-se em dois factos principais. O primeiro era o pecado. Romanos 3:23 declara: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Os cristãos primitivos reconheciam que o pior que lhes podia acontecer era pecar.

O segundo facto que proclamavam era que os homens podiam ser livres do poder e do domínio do pecado—que eles podiam "morrer para o pecado". Os homens pecaram e, com o pecado, foi lançada em todas as vidas a semente da morte. No entanto, a nova fé pregava a esperança gloriosa de nova vida em Cristo. Jesus ressurrecto era o tema central da sua pregação; e no Cristo vivo havia libertação do poder do pecado. Os homens podiam estar mortos para o pecado e vivos para Deus.

O apóstolo Pedro apresentou Jesus como o cumprimento de todas as esperanças de Israel. O povo tinha esperado durante muito tempo por Cristo, o Messias prometido. Quando sobrevieram dias difíceis e Israel foi subjugado por outras nações, muitos ansiaram pela Sua vinda e os corações sinceros regozijavam com essa esperança. Mas quando Ele veio não O reconheceram. Em certo instante do Seu ministério, teria sido aceite. Entretanto, a Sua morte confirmou que todas as esperanças de Israel estavam ligadas a Jesus de Nazaré. Os israelitas viram na Sua morte e ressurreição que Ele viera para os salvar.

Também Pedro reconheceu que Cristo era a esperança do mundo. Tratava-se dum grande salto para os judeus, atravessar o abismo que os separava dos outros povos e nações. Pedro foi o primeiro a dar este passo. Em Jope recebeu a revelação de não considerar cerimoniosamente impuro o que Deus purificara. Depois desta revelação foi-lhe fácil dar o segundo passo, levando o Evangelho de Cristo a Cornélio, o gentio, e à sua família.

Pedro pregou Cristo, porque cria no poder redentor da cruz— "levando ele mesmo, em seu corpo, os nossos pecados sobre o madeiro" (1 Pedro 2:24). Também pregou Cristo porque sabia que Ele estava vivo. Repetidas vezes deu ênfase ao poder e à obra de Jesus ressurrecto. O poder manifesto no Pentecostes era-lhe dado por "Jesus Cristo, a quem Deus ressuscitou dos mortos" (Actos 4:10). O seu argumento para suportar o sofrimento e as injustiças baseava-se em que Cristo vive e, se nós perseveramos até ao fim, ve-IO-emos um dia.

Finalmente, Pedro concebeu Jesus como "exaltado à direita de Deus". Em I Pedro 1:3-4 declara-se o significado desta esperança para o crente—"uma herança guardada nos céus para vós". Os cristãos desse tempo consideravam Jesus como Rei e Senhor, o qual viria de novo um dia pelos Seus.

Ainda hoje é essa a nossa fé e esperança!

□

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XIII — Número 6
15 de Março de 1984

BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,**
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:

capa — G. Plaisted
p. 5 — Wallowitch
p. 6, 7 — H. Roberts
p. 10, 11 — J. Allen



a vida

A santidade é uma doutrina a ser crida, uma experiência a ser recebida e uma vida a ser vivida. Como doutrina, é o tema central da Bíblia. Como experiência, é a mais profunda realidade da relação do homem com Deus. Como vida, sob qualquer ponto de vista, é a melhor.

Há dois males que se lhe opõem. Um é minimizar a norma de santidade, até chegar-se a crer que a podemos viver sem a graça de Deus. Outro é impor uma norma de santidade tão elevada que nem o homem mais perfeito a conseguirá alcançar. Em ambos os casos, os resultados práticos são quase os mesmos. Daí a norma de santidade dever permanecer no nível em que Deus a colocou.

Para isso, precisamos da graça divina. Assim, poderemos alcançar, com alegria, a vida de santidade. Se rejeitarmos a graça, fracassaremos; mas, se a aceitarmos, triunfaremos. Há uma dimensão desconhecida entre os limites do pecado e a plenitude da graça em que a atracção do mundo ainda é forte, mas o amor de Deus a supera. O cristão deve afastar-se dessa zona e não construir nela a sua residência permanente.

Na vida de santidade existem três aspectos importantes: relação com nós próprios, com o próximo e com Deus. Na Epístola a Tito declara-se: "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concu-

pisências mundanas, vivamos neste presente século, sóbria, e justa, e piamente" (2:11-12).

Repelir a impiedade e os desejos pecaminosos pressupõe não participar nem aprovar as suas obras. A impiedade é descrita como *mau comportamento*. Somos bons interior e exteriormente, em sentido passivo, quando deixamos de ser ímpios.

No entanto, a santidade é mais que bondade passiva. É também positiva e dinâmica. A passagem bíblica de Tito (2:11-12) indica que devemos viver sobriamente quanto a nós próprios; justamente, com os outros; e piamente, com o Pai celestial.

A palavra "sobriedade" é sinónima de *temperança*. E a definição mais simples de temperança é *autodomínio*. Este deve orientar os sentimentos e a vontade; levar a pensar rectamente, falar com amabilidade, trabalhar, comer e dormir com moderação; examinar com sinceridade a consciência, enfrentar as limitações com confiança, dizer sempre a verdade, não criticar o próximo; apresentar-nos íntegros perante o tribunal de Deus e orar com humildade.

Viver justamente em relação ao próximo, significa guardar-nos limpos na convivência social; ser honestos nos negócios, sinceros nas conversas; rectos em julgar as acções, as palavras e os motivos alheios. O homem piedoso é amigo fiel, bom marido, filho dedicado, irmão

de santidade

e vizinho. Auxilia o necessitado, perdoa o inimigo, paga os impostos, cumpre a lei, guarda a ordem e pratica boas obras.

Viver piamente implica temer e amar a Deus; obedecer à Sua vontade revelada; adorá-Lo de acordo com o primeiro mandamento, em espírito e em verdade. Reservar-Lhe um dia especial: "Lembra-te do dia do sábado, para o santificar" (Êxodo 20:8). Contribuir com dízimos, ofertas e talentos concedidos por Deus. Louvá-Lo pela leitura da Sua Palavra, reconhecendo o Seu poder, amor e sabedoria. Adorá-Lo através da oração, louvor e acção de graças. Viver disposto a renunciar a tudo para aceitar aquilo que Ele deseja dar. Ter com o Senhor comunhão, graça, companheirismo e harmonia.

Quando confusos com a ideia da impossibilidade de viver piamente, porque somos finitos e Deus é infinito, lembremo-nos de que Ele requer qualidade e semelhança, não quantidade e identidade. Podemos ser semelhantes a Deus no mesmo em que uma gota de água do mar se parece com o oceano. Só assim seremos piedosos "neste presente século" e, por conseguinte, também no vindouro. Deus deseja salvar e conservar-nos puros para Sua honra e glória. Quer que procedamos piamente aqui, na terra, onde abundam tentações. Vivamos, pois, "em santidade e justiça, perante Ele todos os dias da nossa vida" (Lucas 1:73-75). □

—Boyd C. Hancock

OS FILHOS DE DEUS

—W. E. McCumber

Há anos, certo indivíduo irritado disse-me: "Vocês crêem que os nazarenos são os únicos a ir para o céu". Esse homem enganava-se. Eu nunca pensei assim. Como lhe disse a ele, creio que nem todos os nazarenos chegarão ao céu. Uma coisa é pertencer a uma igreja e outra, totalmente diferente, é andar com Cristo.

Deus tem filhos em todas as igrejas. E, como Seus filhos, tornam-se logo irmãos dos nazarenos que também são cristãos. O Pai sofre quando rejeitamos algum dos nossos irmãos.

Verdadeiramente não podemos amar o Pai sem amarmos Seus filhos. O apóstolo João expressa-o claramente: "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus" (1 João 5:1).

São excelentes os comentários do teólogo F. F. Cruce sobre este versículo: "Amar o Pai (a Quem não vemos) inclui amar os Seus filhos (aos quais podemos ver) . . . E quem são os Seus filhos? Aqueles que crêem que Jesus é o Cristo. Nos escritos do apóstolo João isto significa algo mais que simplesmente aceitar o princípio de que Jesus é o Messias prometido; implica fé pessoal n'Ele, união com Aquele que se revelou "na carne" (4:2, como sendo o Cristo, o Filho de Deus)."

Quem é, pois, filho de Deus? É todo aquele que tiver fé pessoal e comunhão com Jesus! Tal pessoa encontra-se em todas as igrejas sob uma variedade de pontos de vista teológicos, oscilando desde o conservador até ao liberal, do fundamentalista ao carismático.

Quererá isto dizer que as crenças e as doutrinas não são importantes? Certamente, não. Significa, apenas, que as nossas crenças específicas e opiniões não devem ser barreiras que nos impeçam de aceitar como irmão qualquer filho de Deus. Os credos de diferentes igrejas dizem-nos o que crêem determinados grupos religiosos, mas ditos credos não nos classificam a todos debaixo do mesmo rótulo. Um cristão é alguém que ama a Jesus e O serve como Senhor e Cristo, seja qual for o seu credo. E se essa pessoa ama verdadeiramente a Jesus e O serve, eu não a posso rejeitar sem rejeitar o próprio Jesus.

Dou graças a Deus por todos os Seus filhos! □

John B. Coburn escreveu um livro intitulado *O Pastor: um Mediano*. Mas, se fosse escrito sobre o ministério, teria como título *O Pastor: Homem num Mundo em Confusão*. Por isso, H. Richard Niebuhr chamou ao ministério "a profissão perplexa".

Como um guia para as pessoas confusas nestes bons e, também, conturbados tempos, quando "a passagem da vida . . . ultrapassou os limites da sua paz", precisamos de falar da estrutura teológica que apoia o ministério cristão.

Uma compreensão teológica do ministério inclui o facto de se caracterizar por seu conceito académico. Queremos dizer que um pastor pode enviar circulares a outros ministros—e grupos de cristãos—concluindo com "fraternamente seu . . ." Os arminianos chamam a isso *tolerância*. Os wesleyanos, *catolicidade*.

Com este conceito "académico" não quero significar a unidade ou união que levará um pastor batista conservador a expressar-se como se fosse nazareno. Nem quero dizer que haja um vácuo tal que se chegue ao ponto de não haver nada que nos ligue como colegas—o único que então resta é uma salada de fruta . . . Gregory Baum sugeriu que o participar no colégio ministerial deve tornar a fé mais prístina e apostólica. Baum escreveu: "O nosso diálogo e empreendimentos de colaboração devem conduzir constantemente à mais profunda fidelidade ao evangelho no nosso ensino, na apresentação da verdade, na vida, na liturgia e no caminho de santidade".

No conceito de colegas vinco a união com outros pastores e cristãos quanto aos alicerces da fé. Há unidade porque edificamos sobre o fundamento dos profetas e apóstolos, com Jesus Cristo como pedra angular. Neste sentido, todos nos incorporamos na sucessão apostólica porque ensinamos a doutrina dos apóstolos.

O conceito dum colégio ministerial caracteriza-se pela sua auto-

ridade. "Toma a tua autoridade", é o que diz ao pastor que recebe ordem de presbítero o superintendente geral. Mas muitos evangélicos tendem a rebaixar o seu significado.

A autoridade do ministro baseia-se, em parte, na autenticidade da sua experiência com Jesus Cristo, como Redentor e Senhor. Com o apóstolo João (1 João 1:1-3), o pastor (embora volvidos séculos, isso é ainda realidade) pode pôr à prova Aquele que encarnou por nós, morreu no nosso lugar e também ressuscitou o perdão dos pecados e a herança entre os inteiramente santificados.

Outra das bases teológicas do ministério é que o sofrimento do pastor a favor de outros é redentor. O pastor une aos de Cristo os seus próprios sofrimentos a favor dos perdidos. E isto dá ênfase complementar à redenção que o sofrimento de Cristo nos providenciou. Todos os crentes participam do sofrimento de Jesus, mas o pastor toma-o sobre si, como tarefa de tempo integral, como uma profissão. Paulo experimentou-o: "E a comunhão dos seus sofrimentos (de Cristo)" (Filipenses 3:10). Ainda o Apóstolo sofreu redentoramente por outros, como disse ao escrever: "Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja; da qual eu estou feito ministro, segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus" (Colossenses 1:24-25). Sob o mandato de testificar da fé, permitamos que um anjo nos desperte—embora nos custe e haja um longo e lento processo. Que a luz matinal nos ilumine na alvorada dum novo dia. Compartilhemos do favo de mel que alimenta e fortalece, para concretizarmos os diferentes aspectos do serviço ministerial cristão. Sigamos sem oposição por entre o labirinto das vidas humanas. E, em diálogo com

os nossos irmãos, indiquemos-lhes o caminho da cidade eterna cujo constructor é Deus. □

perspectiva teológica do ministério

—J. Kenneth Grider



**Não somos bobos da corte,
mas embaixadores do Rei!**

conceito de ministério no novo testamento

Na maioria das versões bíblicas, a palavra *ministério* provém da tradução de dois termos gregos. O primeiro é *diaconisa* e aparece 34 vezes: doze em II Coríntios e oito em Actos. Nas restantes dezasseis vezes é usado simplesmente como "ministério". O outro termo é *leitourgia*, usado três vezes como "servir", duas como "ministério" e uma como "ajuda".

O trabalho dum pastor concentra-se nas pessoas. Ele passa a vida a suprir necessidades espirituais, emocionais e físicas. A relação do ministro com os leigos determina, muitas vezes, o seu futuro.

Cada pastor e esposa têm a sua própria personalidade. Os leigos recordam muitas coisas de pastores anteriores—sua pregação, convívio social, família, relacionamento pessoal—mas também os ministros sentem gratidão pelo contributo dos leigos ao seu ministério.

Quando um pastor chega pela

A palavra *diaconisa* deriva do verbo *diaconeo*, que no grego clássico significava "ser criado, ajudante, servo; para servir e prestar serviço" (Thayer). O substantivo *diaconos* refere-se a "camareiro, aquele que serve comida e bebida". Aparentemente, os primeiros diáconos da igreja tinham esse ministério.

O significado literal deste termo sugere que o pastor ou ministro é primordialmente um servo. Não só serve ao povo alimento e bebida espiritual, mas também ajuda noutras capacidades.

O conceito cristão de serviço difere muito do ponto de vista grego e judaico. Platão referiu-se a um servo como a um adulator desprezível (Geórgias, 521 A.C.)

Beyer escreveu: "O ponto de vista de Jesus acerca do serviço provinha do mandato do Antigo Testamento de amar a Deus, que constituiu o essencial da Sua vontade ética que orientaria Seus seguidores".



primeira vez a uma igreja, após ter-se graduado num seminário ou escola bíblica, precisa de prática em lidar com pessoas. Ao enfrentar as múltiplas situações da vida, acaba por reconhecer que os leigos são os seus melhores auxiliares. Que estes o não decepcionem com críticas logo de entrada!

Eu sou esposa dum superintendente distrital e todos os anos procuramos reunir os pastores duas ou três vezes. Falamos sobre a responsabilidade pastoral, pois ninguém consegue aprender tudo acerca do ministério num mês,

num ano, nem em cinco anos ou durante a vida inteira. O pastor e a esposa devem aprender continuamente como desenvolver um bom relacionamento com os membros da congregação.

Nós começámos o nosso ministério numa povoação rural de Missouri (EUA). Na igreja todos éramos como família. Aquela congregação contribuiu muito para o nosso ministério. Dessa e doutras igrejas de que fomos pastores guardamos gratas recordações.

Que impressão está você a dar, como leigo, ao seu pastor e família? Aceita-os como parte de sua própria família? A maioria dos pastores vivem longe dos pais.

Leitourgia é a outra palavra da qual vem "ministério" e "liturgia". O primeiro significado do verbo *leitourgeo* era "servir ao estado, assumir um posto oficial de administração própria"; e, em geral, "prestar serviço público ao estado" (Thayer). Na Septuaginta usou-se para designar as funções dos sacerdotes e levitas no tabernáculo e no templo. O nosso termo "serviço" ou culto, para nos referirmos a uma reunião religiosa, provém da ideia de "liturgia como serviço".

Depois de comentar os diversos usos do termo, William Barclay diz: "Talvez a verdade mais interessante da palavra *leitourgias* seja que, no grego moderno, se empregava para *trabalhador* ou *obreiro*. Por isso, o termo parece

indicar que todo o trabalho ou tarefa é uma *liturgia* atribuída por Deus aos homens; e que até a mais insignificante é gloriosa, porque é feita para Ele".

O uso de *leitourgia* e *leitourgos* no Novo Testamento resume-se a que o nome abstracto é empregado principalmente para o serviço no santuário, o mesmo que para as ofertas. O nome concreto refere-se aos anjos e aos sacerdotes, além de referência a ajuda financeira.

O caso de *diaconeo* e *diaconisa* é diferente. Os dois termos aplicam-se, sobretudo, aos que preparam e servem a comida ou ajudam com ofertas. Este uso do verbo grego infiltrou-se no livro de Actos. Mas o substantivo usa-se por vezes no sentido actual do ministério.

Paulo declarou três vezes: "Fui feito ministro" (Efésios 3:7; Colossenses 1:23, 25). Em duas outras

passagens bíblicas afirmou: "Para o que fui constituído pregador" (I Timóteo 2:7; II Timóteo 1:11).

Há outros conceitos bíblicos relacionados com o ministério. O primeiro é *mordomo*. A palavra grega *oikonomos* significa literalmente "administrador da casa".

O outro conceito é o de *pastor*, de cujo significado se deduz a tarefa de ministro ou encarregado da grei de Deus.

Será suficiente mais uma passagem. Paulo escreveu a Tito: "Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós" (Tito 2:7-8). O ministro do evangelho deve caracterizar-se por dignidade sincera e adequada à sua tarefa. Não somos bobos da corte, mas embaixadores do Rei. □

—Ralph Earle

DOS LEIGOS

—Shirley Riley

Alguns só visitam os familiares uma ou duas vezes por ano. Para eles a igreja é a sua família. Há pessoas que estimam os filhos dos pastores e oferecem-lhes presentes no Natal, na Páscoa, no dia de anos e noutras ocasiões especiais.

Diga de vez em quando ao pastor que o ama, que está a orar por ele, que as suas mensagens são excelentes e que o seu trabalho é apreciado.

São quase sempre palavras mágicas. Pois há ocasiões em que ele se encontra desanimado com a fraca assistência à Escola Dominical ou com a escassez de fundos para certas necessidades. Quanto mais animarmos o pastor, mais ele

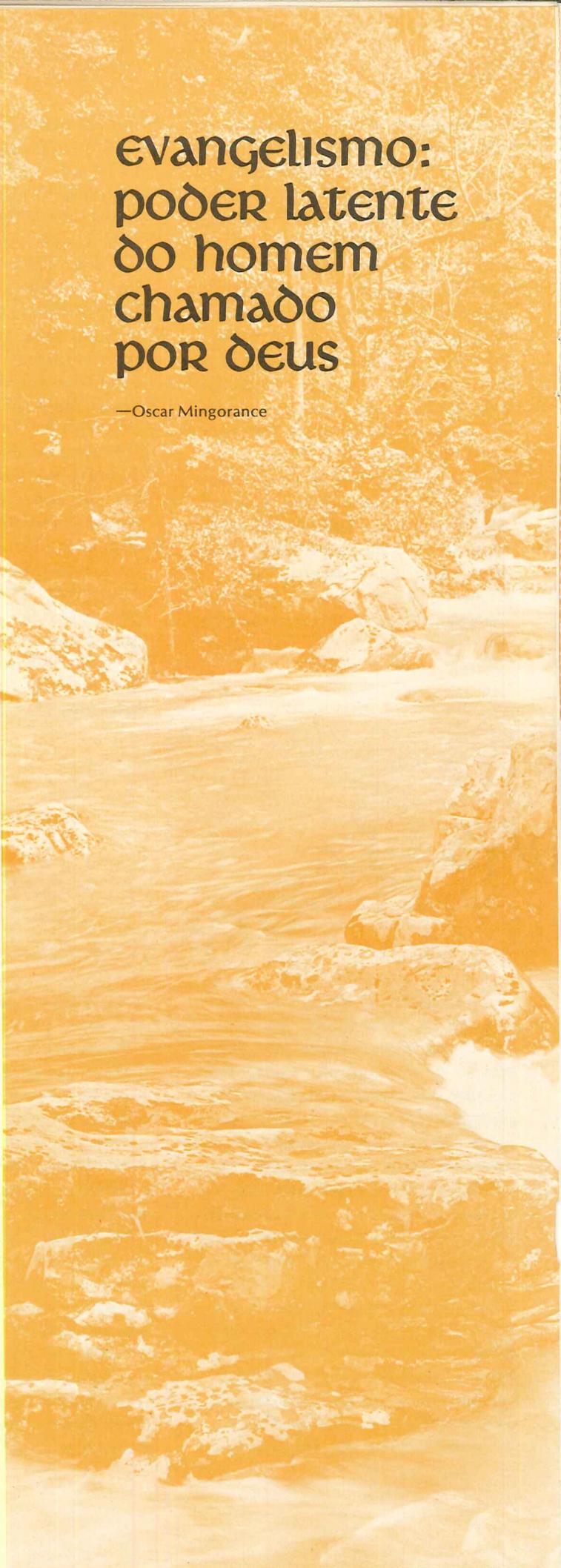
se esforçará por cumprir a sua missão.

Precisam-se leigos que trabalhem; que estejam presentes nas reuniões de oração e nos cultos especiais; que ofereçam generosamente; que sejam fiéis em visitar doentes nos hospitais; que cumprimentem e dêem as boas-vindas aos visitantes.

Há anos, a nossa filha precisou de preparar um discurso para determinada aula de oratória. Como a via sempre bem disposta e tinha a impressão de que ela vivia num lar feliz, o professor pediu-lhe que falasse sobre "os privilégios de crescer numa casa pastoral". Ela dedicou a maior parte da composição ao bom acolhimento que

os leigos lhe tinham dado. Mencionou vários nomes. Todas essas pessoas devotaram-lhe amor genuíno, procederam como verdadeiros cristãos.

Os leigos são de muita importância para o pastor e sua família. Deus fez cada pessoa com diferentes talentos e dons e deu-lhe uma tarefa que só ela pode realizar. Com amor a Deus e profundo desejo de ver crescer a igreja na sua comunidade, trabalhe em colaboração com o pastor. A fé produzirá milagres. As impressões deixadas pelos leigos na vida do pastor e sua família terão grande influência nos anos vindouros. □



evangelismo: poder latente do homem chamado por Deus

—Oscar Mingorance

Antes de entrar no assunto, desejaria esclarecer duas coisas. Em primeiro lugar, que entendemos por evangelismo o trabalho realizado a favor do "reino de Deus aqui na terra". E, em segundo lugar, que se olharmos para a etimologia da palavra evangelho (do latim *evangelium* e esta do grego *euangelion*, boas novas; de *eu*, bem e *angelos*, mensageiro), compreenderemos que toda a pessoa é evangelista dentro da organização chamada igreja. Se no desempenho de sua tarefa você pensa que primordialmente trabalha para Deus, ajudando na expansão das boas novas, então é um porta-voz da mensagem de Deus.

Ao revermos a passagem bíblica de Actos 6, verificamos que a eleição dos diáconos foi para se dedicarem a determinadas tarefas com o fim de aliviarem outros homens. Eles engrenaram num maquinismo cujo propósito é evangelizar—levar as boas novas ("Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura", Marcos 16:15).

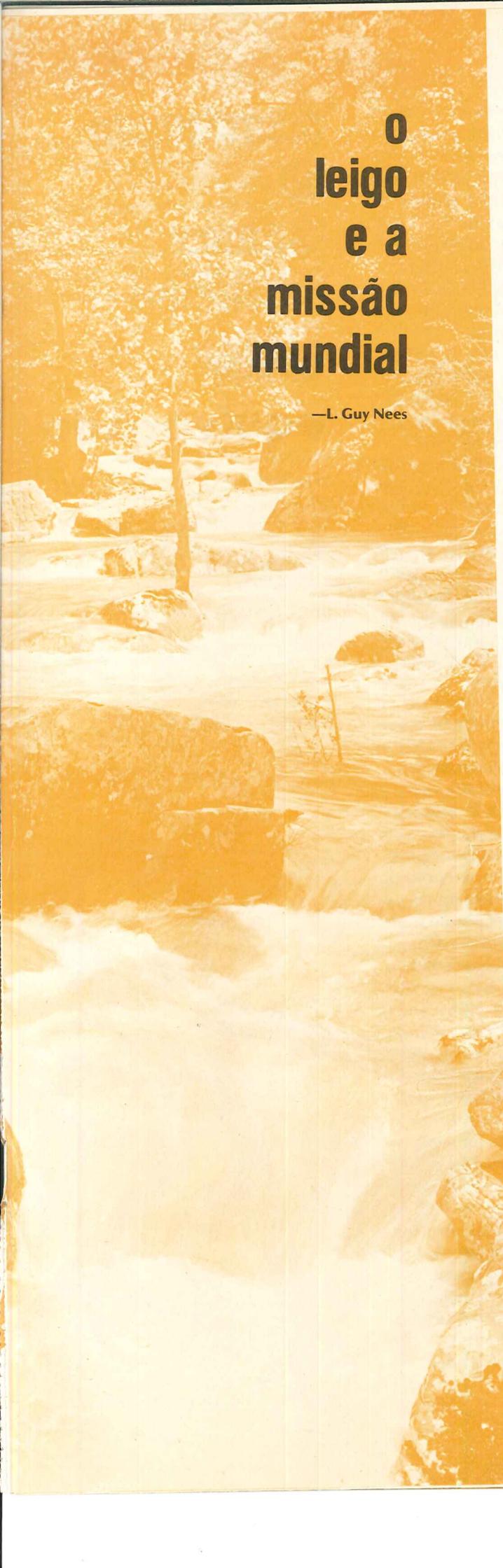
Mas há uma pergunta que nos vem muitas vezes à mente: "Por que desejamos evangelizar?" Então respondemos que existe uma chamada iniludível, firme e latente que nos recorda que o homem incrédulo não consegue responder às perguntas que se seguem:

1. **Quém é o homem?** Já os antigos filósofos faziam perguntas semelhantes: Donde venho? Quem sou? Para onde vou? Embora estas perguntas fossem feitas em tempos remotos, ainda têm vigência no nosso mundo envolto em crises: financeiras, políticas e também religiosas. Não há linha que demarque o comportamento. Em todas as camadas sociais se depara com interesses mesquinhos. Só há limites numa consciência cristã. Por isso, queremos evangelizar.

2. **"Onde estás?"** (Gênesis 3:9). Foi esta a pergunta de Deus ao homem no jardim do Éden. É a mesma que devemos fazer aos nossos companheiros de trabalho ou da igreja. Onde se encontra você? No Meio da tragédia do Éden, Deus procurou Adão. Continua hoje a mesma busca. Se você assiste a uma igreja, o Senhor convida-o. Por isso, continuamos a evangelizar.

3. **"Onde está... teu irmão?"** (Gênesis 4:9). Uma pergunta que ainda hoje tem a mesma validade. Não podemos responder como Caim, pois reconhecemos que somos guardadores de nossos irmãos.

4. **"Onde está o teu Deus?"** (Salmo 42:3). A pergunta do Salmista dirige-se a cada um de nós. Sim, também a você. Felizes os que podem responder a esta pergunta com uma consciência tranquila. Mas o incrédulo não consegue responder às questões aqui formuladas. Somente os que, arrependidos, pedem a Deus o perdão dos pecados e sentem a presença de Jesus no coração, estão em condições de responder. A partir desse momento, surge no mais íntimo da alma a preocupação do apóstolo Paulo: "Ai de mim se não anunciar o evangelho!" (I Coríntios 9:16). Por isso, queremos evangelizar. □



O leigo e a missão mundial

—L. Guy Nees

A igreja local, distrital e geral têm dado ênfase especial à importância dos leigos na obra do Senhor. Isto é louvável e a Divisão de Missão Mundial une-se com entusiasmo a tal reconhecimento.

Apesar de geralmente se pensar que os missionários são todos ministros ou esposas de ministros, isso não corresponde à verdade. Talvez, no começo dum novo campo contemos muito com ministros para desbravarem o terreno e orientarem no crescimento da igreja; mas não tarda em serem incluídos leigos.

Temos um bom número de leigos que servem como profissionais e missionários com uma tarefa especializada. Entre eles há médicos, enfermeiras, professores, administradores, tradutores, construtores, pessoal de manutenção e auxiliares em vários níveis. Nas minhas visitas à volta do mundo, tenho encontrado leigos por toda a parte servindo fielmente a Cristo e à Igreja. Certamente ninguém precisa de estar limitado a uma chamada ao ministério de pregação para Deus o enviar como missionário ou para servi-Lo eficazmente na igreja local.

Muitos leigos, quando se aproxima ou chega a aposentação oferecem-se gratuitamente para o serviço missionário, onde preciso. Temos nomeado vários e encontram-se a ocupar lugares de grande importância. Os grupos de "Trabalho e Testemunho" e indivíduos especializados dão-nos uma ajuda extraordinária.

Os leigos, nos seus lares, constituem os alicerces de que precisamos para a firme superestrutura chamada Missão Mundial. O apoio financeiro às missões, tão vital, provém dos nossos leigos. Ofertam generosamente semana após semana, mês após mês. A sua oferta varia desde algumas moedas em caixas de alabastro até, literalmente, milhares de dólares, liras, pesos, escudos ou cruzeiros, dados para o programa missionário da igreja por indivíduos ou instituições.

As promessas de fé e ofertas especiais têm aumentado na mesma proporção que o apoio ao orçamento geral de cada ano. Não existe outra forma de angariar fundos para além da dádiva generosa e sacrificial dos leigos.

Tanto homens como mulheres formam a maioria dos membros da Sociedade Nazarena de Missão Mundial. Esta organização ajuda o pastor a conservar vivo na sua igreja local o espírito missionário. Através da oração, do estudo e de donativos, a obra da Missão Mundial é fomentada na igreja local e em todas as suas secções; torna-se, então, uma torrente poderosa de eficiência missionária, que se traduz em pastores e leigos dedicados prestando serviço em 64 países.

Diante desta realidade, cabe-nos respeitar em toda a parte os nossos leigos! Deus os abençoe ricamente, quer na vanguarda do serviço missionário, quer em casa apoiando uma igreja local e provendo recursos para que outros possam ir e edificar o reino de Deus em diversas comunidades. Todo o leigo é importante para a grande tarefa de evangelismo mundial e estamos gratos a Deus por cada um deles. □

É possível que o amor já lhe tenha batido algumas vezes à porta do coração. Você sentiu-se livre para o rejeitar ou convidar a entrar. Antes de nos decidirmos, saibamos distinguir entre o amor puro e santo de Deus e o amor indigno e grosseiro das paixões carnis.

A Bíblia fala dum jovem chamado Demas que recebeu o fogo do amor divino. Todavía, não lhe foi fiel. Na sua vida há várias lições que podemos destacar.

1. Iniciou a carreira cristã com um alvo definido.

Foi um homem zeloso da obra de Deus (Filémon v. 24). Nas suas cartas, Paulo apresentou-o como seu "cooperador", "embaixador de Cristo". A vida de Demas parecia condizer com a chamada ao ministério (Colossenses 4:14). Sentava-se à mesa com fiéis servos de Deus—como Lucas, Aristarco e Paulo. Ouvia, amiúde mensagens ungidas e poderosas. No entanto, nunca teria imaginado que o Senhor lhe apontara um lugar no qual suas aptidões e talentos seriam usados para a expansão do reino de Deus. A princípio, a visão de sua chamada parecia clara. Iniciou a carreira cristã sob a orientação de bons mestres espirituais, mas acabou por desanimar e se afastar.

2. Perdeu o alvo que tinha em vista (II Timóteo 4:10).

Demas trazia dentro de si uma luta renhida entre as duas naturezas: a espiritual (de Deus) e a carnal (de Satanás). Paulo devia ter sentido dor profunda quando escreveu: "Demas me desamparou!" Sofreu como um pai que perde seu filho.

Se o abandono de Demas nos parece trágico, os motivos do seu procedimento não o são menos. Paulo menciona-os em poucas palavras: "Amando o presente século". Uma decisão destas é sempre um passo em falso. Demas—que amava a Jesus, a

Paulo e ao povo de Deus—preferiu devotar o seu amor ao mundo dos prazeres. Ao enfrentar o momento crucial do seu ministério, decidiu-se pelo pior. Mostrou um amor equivocado. Perdera o primeiro amor. O amor a Cristo resfriara, a sua visão espiritual ofuscara-se com as coisas do mundo que lhe pareciam mais atraentes.

Satanás tenta sempre de forma muito subtil. Talvez por julgá-lo envolvido nas orações, projectos e actividades do apóstolo Paulo, sejamos levados a pensar que Demas estava isento de tentações e da influência mundana. Mas tal não aconteceu. Satanás conseguiu arrebatá-lo. Demas perdeu a visão do reino de Deus, abandonou a igreja, abraçou a miséria do mundo e foi vencido pelo mal. Que advertência solene para todos nós! "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia" (I Coríntios 10:12).

3. Foi para Tessalónica (II Timóteo 4:10).

Por outras palavras, *desertou*. Abandonou o verdadeiro caminho para enveredar por senda perigosa e repleta de enganos. Quando podia ter sido um farol na sua época, sucumbiu. A sua valentia transformara-se em fracasso. As atracções de Tessalónica desviaram-no do caminho do Senhor. Nada mais

sabemos dele. Morreu no anonimato. "Não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus?" (Tiago 4:4).

Demas deixou um lugar vazio. Não quererá você ocupá-lo? É um desafio oportuno. Que Deus nos ajude a permanecer fiéis. Só em Cristo existe o verdadeiro amor. □

amor equivocado

—A. Gallardo



importância do compa- nheirismo cristão

—Larry Shelton

Tem-se vincado muito nos meios evangélicos a organização eclesiástica de João Wesley. Mas ele não teve o propósito de fundar nova estrutura nem criar divisões no seio da igreja. Apenas se interessou verdadeiramente pelas almas. Não focou a sua atenção em programas, mas em tarefas a realizar. Wesley procurou instruir

os recém-convertidos através da pregação. Ao estabelecer as sociedades metodistas, enfrentou a crítica de que estava a iniciar uma divisão na igreja que destruiria o companheirismo (A. S. Wood). Mas Wesley reagiu:

“Não se pode destruir o que nunca existiu... Quem se tem preocupado com os convertidos? Quem reconheceu o seu crescimento na graça? Quem os tem aconselhado e exortado de vez em quando? É este o verdadeiro companheirismo cristão. Mas onde encontrá-lo? Olhando para os quatro pontos cardeais, haverá alguma congregação que tenha genuíno companheirismo cristão? Não se tratará apenas dum grupo de pessoas que assistem à igreja e nada mais? Que relação terão com a vida espiritual? Quem zela por suas almas? Quem suaviza suas cargas? Nós restaurámos o companheirismo onde se encontrava quase totalmente desfeito. E os frutos foram paz, alegria, amor e zelo por cada boa palavra e obra” (*Obras de Wesley*).

As reuniões em classes foram chave para a eficiência dessas sociedades. Foram organizadas sob um sistema de leigos encarregados de manter união e disciplina. O encarregado dum grupo visitava os membros uma vez por semana para se informar da sua condição espiritual e dar conforto ou repreensão, segundo os casos (*Obras*). Nas reuniões, os novos convertidos encontravam o companheirismo que necessitavam. Reduzia-se, assim, a morte dos “bebês espirituais em Cristo”.

Foi incalculável o valor dessas reuniões para o reavivamento wesleyano. Deram coerência aos frutos e mantiveram a sua vitalidade. O recém-convertido incorporava-se num companheirismo em que se compartilhava: a alegria de pecados perdoados, a paixão pela salvação de almas e o desejo de crescimento espiritual. Combatiam-se os vícios passados e os crentes eram edificados na fé. Ajudavam-se uns aos outros

nas cargas a levar e perdiam a timidez de falar da sua vida espiritual. Em resumo: “Wesley estabeleceu o companheirismo como uma qualidade permanente da vida da igreja” que se parecia à *unitas fratrum* da Igreja Apostólica (W. A. Fitchett).

Bem cedo Wesley notou a importância do companheirismo espiritual. As reuniões semanais na cozinha de sua mãe, Susana, venceram-no de que era essencial para o Cristianismo. Organizou o *clube dos santos* e, mais tarde, as reuniões em classes (Wood).

Embora nós, de tradição wesleyana, reconheçamos que não existe religião “isolada”, acabamos por praticá-la nas nossas igrejas. As reuniões destinavam-se a aprender a viver o evangelho, mas nós tornamo-las tão rotineiras que não há tempo para o companheirismo cristão. Como poderemos compartilhar da fé se nos reunimos apenas uma ou duas vezes por semana e por poucos minutos? Pessoas podem assentar-se no mesmo banco sem nunca derramarem “uma lágrima de sentimento pelos outros (Charles W. Reysor).

Em vez de estimular o crescimento de grupos para que as pessoas se conheçam, foquemos a nossa atenção na falha dos objetivos do programa. Quando a igreja pede e recebe a plenitude do Espírito Santo, capacita-se para o ministério que o Senhor lhe indicou.

Por vezes desejamos tanto que se “encaixem” ou “aceitem” os nossos programas institucionais que esquecemos a necessidade das pessoas se conhecerem. Wesley reconhecia a sua importância da comunhão estreita para a vitalidade espiritual da igreja. Não estaremos totalmente isentos de culpa se os que nos cercam apenas assistem à igreja e nada mais. Como Wesley, procuremos que o nosso fruto do Espírito, “toda a boa palavra e obra”, sigam o modelo de companheirismo do Novo Testamento. □



DINAMARCA

País de história—de batalhas e pilhagens, de reis, guerreiros e navegadores, de novos mundos explorados e velhos reinos destruídos.

De fantasia—de Jardins Tivoli com palhaços e parques infantis, de palácios, castelos, fontes e contos de fadas.

De gigantes—de Hans Christian Anderson e sua pequena sereia, seu imóvel soldado de chumbo e seu patinho feio; de Grundtvig e suas escolas folclóricas, canções e hinos. De Thorvaldsen e sua escultura; de Carl Nielsen e suas sinfonias; de Niels Bohr e a sua física; de Kierkegaard e sua filosofia e teologia; de Piet Hein e seus Grooks.

De beleza—de ilhas e fiordes, moinhos de vento e casas com telhado de colmo, de pitorescas povoações piscatórias e arquitetura moderna, de flores e campos com quilómetros de areia do Mar do Norte.

De produtos—de toucinho e presunto, de manteiga e queijo, de peixe e mobílias, de barcos e cimento, de Lego e porcelana real dinamarquesa.

De artes—de sinfonias, literatura, museus, ópera, bailado e belas artes.

De pecado—de materialismo egoísta e secularismo, de pornografia e crimes, de grande consumo de bebidas alcoólicas e de suicídios.

De Cristianismo—um Cristianismo frio e formal, apático e ignorado; de igrejas—belas mas quase vazias. Cristianismo cuja indiferença é tanto um desafio como uma oportunidade.

É um país de oportunidade para a Igreja do Nazareno. Começamos a aproveitar essa oportunidade e desafio em 1958, quando o Rev. Orville Kleven e esposa iniciaram a obra da Igreja do Nazareno na Dinamarca, sob o Distrito da Europa Central. Formou-se uma congregação que se reunia numa moradia de esquina situada em Rodovre, arredor de Copenhague.

Anos mais tarde comprou-se uma propriedade na comunidade de Greve. Uma professora americano-dinamarquesa reformada e ordenada na igreja, Clara Christensen, começou um trabalho entre crianças que cresceu até se tornar a segunda congregação.

Em 1978, Doug e Peggy Terry foram nomeados para a Dinamarca e têm sido activos na construção da igreja em Solrod, ainda mais distante da capital. Dois anos antes tinha aí principiado uma extensão da obra das crianças pela congregação de Greve e nesse novo local estão os Terry a organizar a terceira congregação.

Cada uma das localidades tem sofrido transformação. A moradia de esquina em Rodovre foi substituída por uma linda igreja-centro distrital e residência pastoral. A propriedade de Greve foi rodeada de novas casas e tem um belo templo com uma congregação crescente.

O terreno de Solrod já tem uma casa pastoral-capela e em breve será construída uma nova igreja.

O líder desde crescimento é Rev. Niels Eliassen, superintendente distrital, que se uniu à Igreja do Nazareno sob o ministério do Rev. Ray Lunn Hance. Em 1976 o Rev. Eliassen foi nomeado superintendente do Distrito de Escandinávia, agora separado.

O superintendente Eliassen e os nazarenos dinamarqueses estão cientes da imensidade do desafio em evangelizar um país suposto cristão, onde menos de dois por cento dos cinco milhões de habitantes assistem à igreja e 95 por cento são membros da Igreja Luterana.

Em breve, jovens dinamarqueses serão graduados no Colégio Bíblico Europeu para ocuparem os púlpitos ainda vagos. Em anos recentes organizamos uma base sólida de literatura. Temos templos, 300 membros, muitos contactos e um desafio extraordinário. Além e acima de tudo, contamos com o poder do Espírito Santo. A Igreja do Nazareno na Dinamarca está a orar e antevê um avivamento anviado pelo Espírito. Poucos países precisam mais dele.

HOLANDA

A igreja do Nazareno chegou à Holanda através duma série de contactos providenciais na Nova Zelândia, na Alemanha Ocidental e na própria Holanda.

Jeanine Van Beek, uma holandesa que vivia na Nova Zelândia, tornou-se nazarena e falou da sua igreja a vários amigos quando visitou a Holanda em 1965. Dois desses amigos falaram com o Dr. Jerald Johnson, então superintendente do Distrito da Europa Central e residente na Alemanha Ocidental. No ano seguinte, o Dr. Johnson reuniu-se com alguns cristãos holandeses interessados, na casa do doutor que primeiro fora à Alemanha contactá-lo. Em Janeiro de 1967 foi organizada na Holanda a primeira Igreja do Nazareno, em casa dum comerciante, Cor Holleman. Em 1969 Cor Holleman, em obediência à chamada de Deus para a sua vida, foi ordenado presbítero na Igreja do Nazareno. A princípio, a Holanda e a Dinamarca faziam parte do Distrito da Europa Central; mas em 1968 formaram um distrito com o nome de Distrito da Europa Noroeste. Em 1976 a Holanda passou a distrito independente, tendo o Rev. Cor Holleman como seu primeiro superintendente distrital holandês.

Em 1982 o distrito contava 3 igrejas organizadas e 235 membros.

Num país em que é difícil a organização de igrejas novas e desconhecidas, a Igreja do Nazareno procura ganhar apoio e encontrar aceitação entre os holandeses sedentos de rumo espiritual. □

S
N
M
M



Santidade—
Nossa Missão
no Mundo
1980—1985

كَلِمَاتُ كَلِمَاتُ
كَلِمَاتُ كَلِمَاتُ

✓ Foi citado um dos nossos professores de teologia como tendo dito que Jesus “podia ter errado ligeiramente”. Talvez, por exemplo, na forma como tratara o jovem rico. A sua posição baseava-se em que a Sagrada Escritura diz que Jesus não pecou, mas não declara que Ele estivesse isento de enganos. Gostaria que me esclarecesse.

A Bíblia não explicita que Jesus nunca se tivesse enganado. Declara simplesmente que “Ele bem sabia o que havia no homem” (João 2:25). E mais adiante, no mesmo Evangelho, o Mestre diz: “Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou . . . Eu faço sempre o que lhe agrada” (8:28-29). Se Jesus “falhou” no encontro com o jovem rico e, assim, não conseguiu convencê-lo, não vejo como Deus pudesse ter ficado satisfeito com Ele. Francamente, se Jesus se enganou alguma vez, creio que não existe na nossa igreja teólogo, estudioso ou pregador (ou qualquer sábio) bastante inteligente para descobrir tal engano.

✓ Estamos a estudar na igreja o livro de Êxodo. A pergunta é: Que aconteceu a Faraó quando o Senhor fez perecer no mar os egípcios? O texto não diz claramente que Faraó também morreu. Pode explicar-me o que lhe aconteceu?

Talvez. Êxodo 14:6-10 esclarece que Faraó chefiou pessoalmente o exército egípcio que perseguiu os israelitas. E em 14:17, Deus declara: “Eu serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros”. Podemos concluir destes versículos que Faraó se afogou com os seus homens. Mas o certo é que, ao serem mencionados os afogados (vs. 23-31), não se especifica Faraó: “As águas cobriram os carros e os cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar: nem ainda um deles ficou” (v. 28).

Porém, o cântico de vitória, que celebrou o livramento de Israel, diz: “Os cavalos de Faraó, com os seus carros e com os seus cavaleiros, entraram no mar” (Êxodo 15:19). Se Faraó se encontrava montado no seu cavalo certamente se afogou, pois “nem ainda um deles ficou” (v. 28). Eu penso que ele e todos os seus súbditos morreram.

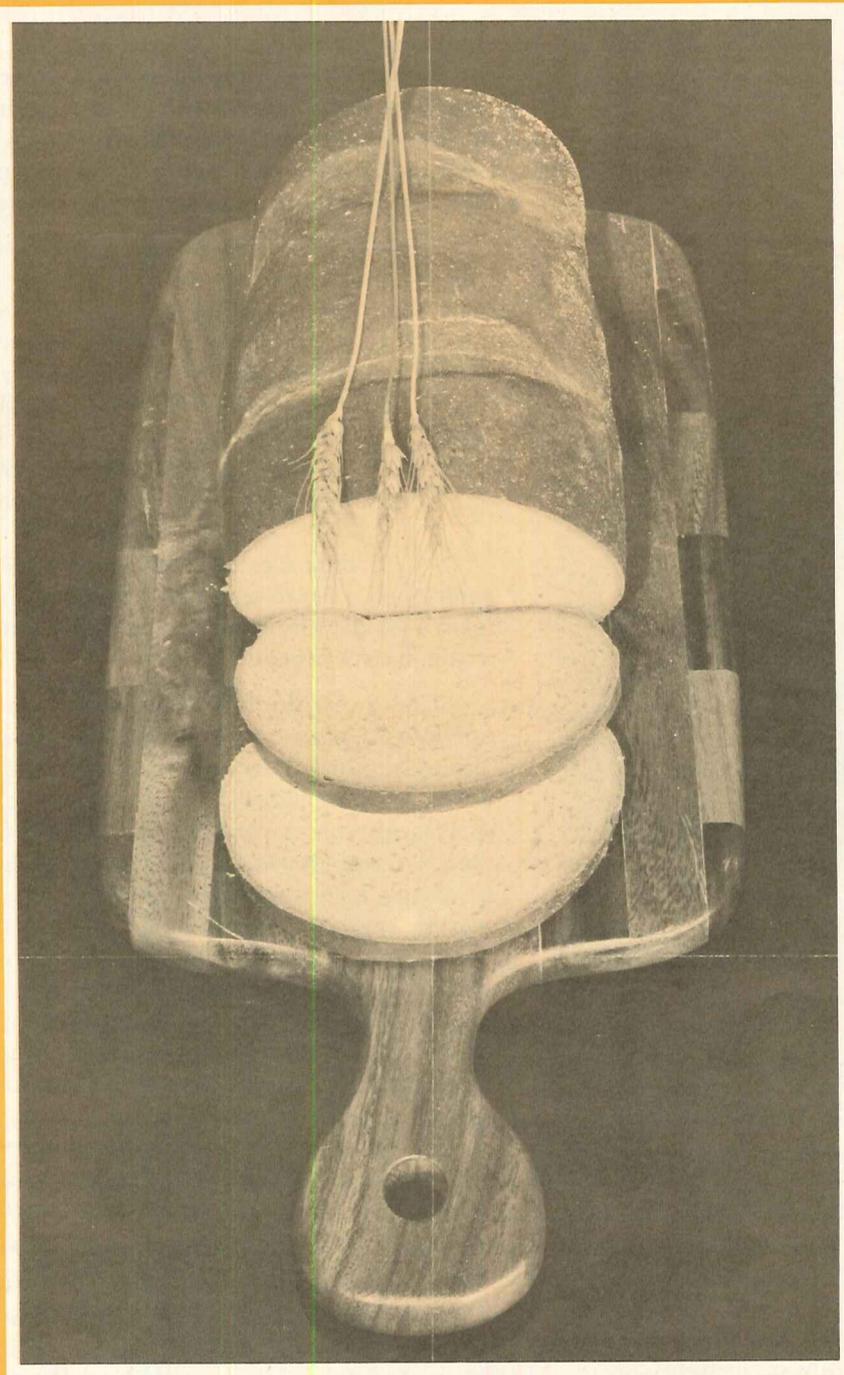
✓ Um amigo e eu estamos completamente confusos quanto ao significado de I João 3:9. Reconhecemos que é possível pessoas apostatarem e que a Bíblia não se contradiz. Agradecia uma resposta.

Quando o apóstolo João diz que “qualquer que é nascido de novo não comete pecado”, não significa que é impossível pecar. Mas, sim, que a prática contínua de pecar é incompatível, no cristão. Em 2:1-2 ele reconhece a possibilidade de pecar e aponta o remédio. Mas em 3:4-10, João está a falar da prática habitual, não de lapsos ocasionais. Num livro sobre as epístolas de João, Daniel Steel explica: “Uma cadeia de pecados voluntários é incompatível com a qualidade de filho de Deus ou a semelhança de Cristo”. É possível existir, sob a pressão de forte tentação, um lapso momentâneo — o qual deve ser rapidamente corrigido pela súplica, confiança e advocacia de Jesus Cristo. Mas não pode transformar-se em “carreira de pecado”. O apóstolo João procura esclarecer a diferença entre os filhos de Deus e os de Satanás: os primeiros abandonam os seus pecados e os últimos continuam a pecar. □

Congregações,
à volta do
globo, dão
uma OFERTA
DE PÁSCOA
(22/Abril/ 84)
para o
evangelismo
mundial.
Participe
da bênção
e do
privilegio
de apoiar
a Causa
de Jesus
Cristo.

*Eu
sou
o pão
da
vida*

JOÃO 6:35



Compartilhe o
"Pão da Vida"